OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

27-05-2020

Bolsonaro anda de jet-ski no dia em que o Brasil ultrapassa os 10 mil mortos do Covid-19

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

É preciso explicar-me. Perguntarão meus patrícios brasileiros, o que estará a fazer aqui nesta Coluna Opinião, d'aqui de Portugal, um português que nada tem a ver com o Brasil, a falar do governo brasileiro. Enganam-se os que creem que cá estou à toa. Por primeiro, justifico-me.

Fui convidado por amigos brasileiros a pronunciar-me, sabendo que este sítio virtual é visto em vários países do mundo. Mas que nem todos os países observadores tinham lá indivíduos entusiasmados a se manifestarem, salvo raras exceções, como em Colômbia e Moçambique, ao que sei por estar atento acompanhando a Coluna da qual agora parte sou. Desd'então, compeli-me a atualizar-me em matérias brasileiras para fazer jus à honraria de pertencer a tão seleta trupe de colunistas. Pois que se não bastasse, meus laços brasileiros são definitivos. Minha avó materna, Fifa (Dona Josefina), foi nascida em Brasil, na província de Santos, em São Paulo. Tenho por aí o laço estabelecido enquanto durar-me. Além disso, os que já me leram devem saber que sou pesquisador universitário das ciências humanas. E por graça do destino marítimo lusitano sou também um adepto incorrigível do surfe.

Pois que nas minhas pesquisas académicas venho de acompanhar em tempos recentes a ascensão da extrema direita no mundo globalizado. E, neste caso, o Brasil é um exemplo exemplar. Pois que com a pandemia do Covid-19, a extrema direita no mundo alvoroçou-se. Alicerçadas no anti-globalismo, no nacionalismo tradicional, no novedoso ultraliberalismo, nos antigos *fasci di combattimento* (origem do fascismo), hoje representadas por forças para-militares (milícias), inclusive algumas ligadas a seitas cristãs neopentecostais, toleradas por vários governos (EUA e Brasil, por exemplo), essas tendências ultradireitistas foram surpreendidas pela pandemia.

Detenho-me a estudar suas formas de sair da crise que, por rigoroso decisivo, deixaram muitos desses países atônitos.

Pois que chamou-me a atenção o presidente brasileiro a andar de jet-ski, sabe-se lá se a comemorar os 10 mil mortos de Covid-19. Já em suas palavras insanas do tempo de deputado, anunciava em defesa à ditadura brasileira que a mesma deveria ter matado 30 mil patrícios.

É, portanto, que se deve, talvez, o passeio de celebração do inumano por ter atingido um terço da meta. Mas o que mais me chamou a atenção foi o instrumento utilizado: o jet-ski. Como surfista que ainda o sou, vejo o jet-ski como um veículo salvador de vidas. E, não, por todavia, na mão de alguém como um anunciador da morte por covardia, por omissão, por indiferença, por extrema desumanidade.

Muitos foram os amigos que vi serem salvos pelo anjo da guarda montado nas asas de um jet-ski. Alguns, inclusive, já sem a respiração que o mesmo Covid-19 insiste em copiar do drama do afogamento. Nas ondas de Nazaré, a que tantas vezes me recusei de percorrê-las por falta de coragem, para não dizer medo, vi o jet-ski em toda a sua pujança salvadora. Também me acorreu à lembrança as semelhanças entre o presidente brasileiro e o ditador português António de Oliveira Salazar. Vejo tantas similaridades entre JMB e AOS, que ao ver os noticiários de Brasil em que aparecem imagens de JMB me vem à retina a face iracunda de AOS. Destas similitudes JMB-AOS deverei dedicar-me mais adiante, tendo em consideração que o fascismo avança no Brasil, com a velocidade de um jet-ski satânico, pilotado por um correligionário do instrumento adjetivado.

E, ainda a continuar, por surfista ser, meus pensamentos de cientista social me vêm sempre em ondas. Embora eu me ambiente mais em ondas de Arrifana e Carcavelos, por vezes as ondas pensadoiras são como as de Nazaré. É o caso. Ao me virem à memória dois tiranos, acorreu-me de um sábio médico e grande artista: Abel de Lima Salazar.

Nada a ver com o ditador que aliás roubou-lhe a cátedra. Nascido em 1889 e morto em 1946, Abel Salazar foi médico, professor e pesquisador e dedicou-se às artes plásticas, especialmente à pintura. Precursor do neorrealismo português, reproduzo aqui uma de suas obras para, mais uma vez lembrar que a arte não combina com o fascismo.

Ditadores quando falam em arte, de suas bocas escorre sangue. Pois se a arte é liberdade, como tolerá-la, a não ser para ostentar riqueza ou domá-la como culto à personalidade? Daí lembrar-me de Abel Salazar nesses tempos de pandemia. Médico e artista. Não é à toa que uma de suas frases mais célebres sentencia:

O MÉDICO QUE APENAS SABE MEDICINA NEM MEDICINA SABE

Abel Salazar

https://www.google.com/search?rlz=1C1EJFA_enBR737BR737&xsrf=ALeKk00BdLzmnfXk10OVRfbsHfzHXuD5:x:1589298854281&source=univ&tbm=isch&q=Abel+Salazar+pintura+&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiD+JrN167pAhVvHfsGHb0vBkwQsAR6BAgKEAE&biw=1366&bih=576

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.